

**O UNIVERSO FLUÍDO DE JOÃO GILBERTO NOLL  
NA CONTRAMAÇÃO DE UM NARRADOR  
EM A MÁQUINA DE SER**

*Luciene Veiga da Costa (UEMS)*

[lu-veiga@hotmail.com](mailto:lu-veiga@hotmail.com)

*Eliane Giacón (UEMS)*

**RESUMO**

O livro de contos, *A Máquina de Ser* tem como um esboço para este artigo o conto que tem o mesmo nome, e tenta por meio dele justificar a visão de uma sociedade fragmentada, voltada para o consumismo excessivo que tornou o homem uma máquina. Também relata a forma como esse sujeito relaciona com ela, a partir desse entendimento tentamos estabelecer alguns parâmetros recorrentes do estudo em questão, como a busca por uma identidade definida em meio a uma fluidez instantânea.

**Palavras Chaves:** Sociedade. Máquina. Identidade.

**1. Introdução**

A busca por uma identidade definida no mundo em que tudo parece ser representativo e improvável em um espaço onde nada é permanente e onde o sujeito transita por muitas identidades, encontramos por meio da literatura contemporânea uma narrativa em que o sujeito reificado sente-se deslocado em um mundo fragmentado e assim, busca uma incessante resposta para sua própria crise de identidade. Esboçado em um mundo corrompido pelos padrões da nossa cultura contemporânea, precisamos compreender esse conceito de identidade que está inserido em um emaranhado complexo de informações fragmentado o homem atual que embora necessite de uma identidade definida, mais que este transita em meio a essa multiplicidade cultural. Temos como consequência um fator que atinge diretamente um referencial sólido e é certo que temos na narrativa literária, em especial a do autor João Gilberto Noll no livro de contos *A Máquina de Ser* (2006), a possibilidade de compreender as relações de interatividade do sujeito e suas diversas experiências vividas, que transcendem questionamentos em diferentes parâmetros da sociedade, sociedade a qual estabelece uma singularidade com a cultura e o atual período que evidencia os instantâneos e uma multiplicidade de signos.

Desta forma, é por meio do conto *A Máquina de Ser*, por uma linguagem que o autor João Gilberto Noll, surpreende pela forma que per-

cebemos em seu narrador, um personagem que relata sua angústia, desilusão com o mundo a sua volta, volta que não poderá ser mais realizada, pois este já está preestabelecido pela máquina, e se tornou um ser dependente dela.

Vemos também, nesse narrador alguém, que é um estrangeiro, um ser que prioriza o seu trabalho ao ponto do universo ser substancial aos seus olhos, apenas é um expectador, em algum lugar não especificado pelo autor, podendo se referir a qualquer lugar, desde que faça parte dessa máquina.

## **2. O ser em uma máquina**

A partir de um conceito de interatividade, ou não, com um paralelo entre esse ser e o seu meio, absolvemos no conto *A Máquina de Ser* (2006), de Noll esse sujeito que não possui uma definição formulada para sua identidade, sua cultura, seu lugar de origem, mas uma relação entre as vastas informações que interfere nesta busca sólida. O teórico Stuart Hall, estudioso dos estudos culturais define como um colapso e cita “[...] as identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é deslocadas ou fragmentadas”. (HALL, p. 8, 1999).

O entrar em contato com esse universo é preciso se ater ao impacto que teve o período industrial, o avanço tecnológico e subsequentemente o processo de globalização nas últimas décadas, influenciando acentadamente a arte, a música e a literatura e desta forma, a maneira de retratar a extensão da realidade e como consequência a influência nas relações entre o “eu e o ser” no ambiente social desse sujeito. Uma realidade que retrata em narrativa o espaço e o tempo em que o sujeito se delimita em seu cotidiano num universo quase mecânico de uma visão voltada para o imediatismo, em uma fluidez instantânea dentro do que possamos dizer, uma estética pós-moderna, estereotipado em uma relação com o mundo que é reprodução, pois torna esse sujeito a mercê de estereótipos preestabelecidos. Dentro de uma concepção sociológica para Hall (1999), define como complexa o termo “identidade” no momento atual. “O sujeito tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num dialogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem”. (HALL, 1999, p. 11).

De acordo com essa concepção, percebemos que o sujeito capta as informações que a sociedade lhe dispõe e projeta nela seu mundo interi-

or, ou seja, subjetivo, porém os inúmeros significantes o deixa descentrado sem um lugar ao certo, o torna uma vítima, como se esse sujeito tivesse vários lugares em uma sociedade e estaria então, a mercê em meio a esse lugar transitório.

Para uma melhor discussão eminente de ampla reflexão, na visão de Fredric Jameson “O conceito de pós-modernismo não é amplamente aceito nem sequer compreendido hoje”. (JAMESON, 2006, p. 17). Neste mesmo termo para Jameson “O pós-moderno nos convida então, a nos satisfazer com um arremedo sombrio da historicidade em geral, em que o esforço para atingir a autoconsciência [...]” (JAMESON, 2002, p. 89).

Para compreender as transmutações de nossas atitudes e como consequência nos relacionamos presente marcado pelo consumismo excessivo e o imediatismo da vida, que é consequência de uma tentativa inconsciente de sobreviver nesse meio o que faz desse conceito é distorcer a forma de ambicionar o próprio desejo e alcançar sua plenitude. Vemos então que os valores são trocados, o objeto se torna algo de satisfação, pois vivemos coisificando os nossos desejos muitas vezes de forma incontrolável, a ponto de não perceber o excesso do essencial, e como tudo há uma consequência mesmo que ilógica, interfere na forma de ver o mundo e estabelecer nossa própria definição, somos influenciados pelo capitalismo que tem a publicidade uma aliada para essa reprodução de valores, conceitos e identidades.

Tendo como base para melhor compreender esse contexto as narrativas reunidas em contos no livro *A Máquina de Ser*, (2006), do autor João Gilberto Noll, retrata essa realidade instantânea em que os narradores em diferentes circunstâncias representam o drama de suas vidas em relacionamentos esvaziados, caóticos sintetizados pela angustia de sua existência, além de viver o limite e a incerteza de sua identidade o que o torna alguém estagnado pela sociedade que o cerca. Nos 24 contos reunidos em *A Máquina de Ser*, o autor João Gilberto Noll conhecido nacionalmente e internacionalmente pela sua vasta literatura e pela linguagem desafiante em que retrata essa instantaneidade da vida, mostra um sujeito a mercê do mundo fagocitado dentro de alguma metrópole ou um lugar não especificada nas suas narrativas mas com seus padrões estagnados impostos pela vida. Assim percebemos como torna complicado ser um ser individual dentro de uma sociedade moderna atual repleta de incertezas onde tudo acontece muito rápido tornando difícil ser totalmente “o individual.” O ideal de ser indivíduo dentro de uma sociedade é definido por Bauman “[...] semelhantes a todos os outros pelo fato de terem de se

guir a mesma estratégia de vida e usarem símbolos comuns – comumente reconhecíveis e legíveis – para convencer os outros de que assim estão fazendo”. (BAUMAN, 2009, p. 26).

Dentro desse contexto é imprescindível analisar o estilo de vida imposto pela sociedade atual que reflete as pessoas em seu individualismo as tornando cópias desse universo presente refletindo em seus relacionamentos humanos. Imaginar uma vida de impulsos momentâneos, de ações de curto prazo, destituída de rotinas sustentáveis, uma vida sem hábitos, é imaginar, de fato, uma existência sem sentido, insólida. Em meio a esses questionamentos, vemos também que por traz há uma sociedade que se relaciona muito bem com esse ser, de certa forma está organizada ao meio de tudo isso, pois o que importa é como contribuir com ela, fazemos parte de um processo quase cognitivo, pois temos deveres a cumprir. Ao analisar ao longo do processo passamos anos na escola nos preparando para ir de encontro a ela, em busca de uma profissão ou até mesmo suprir as necessidades básicas do nosso dia a dia como ir ao mercado, formar famílias, amigos enfim formar um grupo para “sentir-se” fazendo parte de seu núcleo social. Segundo Bauman, (2011, p. 29, *apud* SENNETT, 1998, p. 32): “Imaginar uma vida de impulsos momentâneos, de ações de curto prazo, destituída de rotinas sustentáveis, uma vida sem hábitos, é imaginar, de fato, uma existência sem sentido”.

Percebemos então que para dar sentido a nossa vida é necessário estabelecer uma relação com essa sociedade que ao mesmo tempo é concreta e torna-se fluída, pois temos que nos enquadrar, funcionando a ela como se fossemos máquina para justificar a nossa existência. Teríamos que atingir uma condição de vivência conosco mesmo para tentar explicar o “eu” nisso como um ser social e “a defesa, por todos os atores sociais, de sua especificidade cultural e psicológica” “pode ser encontrada dentro do indivíduo [...]”. (BAUMAN, 2011, p. 29). Quando esse “ser” sente-se saturado com esse mundo entra em conflito, e vê que sua identificação com esse universo nunca existiu é um estrangeiro, um observador de si mesmo. A partir do livro que esboça este artigo em um de seus contos que dá nome ao livro a *Máquina de Ser*, sentimos por meio dele como o vazio de um personagem relata tão bem o reflexo universal que foi pontuado, a fim de compreender na narrativa de Noll como seu narrador relata sua falta de identificação com o ambiente.

No conto *A Máquina de Ser*, (2006), o narrador é um estrangeiro em alguma capital não especificada pelo autor, foi a trabalho em uma embaixada e inicia o conto relatando seu primeiro dia naquele lugar, que

como de costume gostava de estar sozinho. Ao entrar em um ambiente observa os detalhes “Mesas coladas umas às outras, como se esperassem assim dar início a um congraçamento de pessoas de uma mesma instituição” (NOLL, 2006, p. 19). O personagem é um narrador que intrinsecamente observa a vida como se tivesse vendo a tv de casa, pois não tem uma interação, ele é um estrangeiro e gosta de ser. O personagem é um narrador solitário que comove o leitor pela a observação de sua vida transmitindo um deslocamento dentro de uma sociedade que o transformou em uma “máquina de ser”, transmite o universo que é revelado pelo narrador do livro em questão, o posicionamento desse do sujeito pós-moderno, que em seu colapso não relaciona com esse universo mas vê que “a máquina” é um fator que o cega, sem querer está dissolvido pelos rótulos impostos pela sociedade a qual o período atual ao longo dos anos tem um grande impacto cultural e de influência direta na forma como agir e pensar de uma geração. Essa sensação esta presente nesse personagem quando se refere ao seguinte poema de Rafael Quental: “[...] aquele dizendo que o bloqueio no escuro/entre os lençóis/calcina a alva saia da manhã, quase lhe implorei que me ensinasse onde eu tinha falhado para não compreender mais um poema como aquele”. (NOLL, 2006, p. 120). Não que o narrador personagem não tivesse a sensibilidade para compreender aquele poema, mais foi bloqueado, pois se tornara refém de uma máquina, que lhe tirou esse direito, não há tempo para isso, teve que se contentar em “tomar um cálice de vinho”, (*Idem, ibidem*). O mundo hoje, toma o tempo das pessoas, o tempo livre é algo precioso pois os dias são preenchidos pelo trabalho, as pessoas tem que produzir como máquinas ao ponto de não apreciar uma poesia. Desta forma, intervém no comportamento que Noll tenta por meio de seu personagem narrador, sensibilizar o com seu estrangeirismo dentro dele mesmo, alguém que apenas observa, na seguinte passagem ele cita “[...] ali quietinho, fumando meu cachimbo, meio encolhido sob o abajur para permanecer nos bastidores, sem nem eu mesmo perceber”. (NOLL, 2006, p. 121). O personagem é alguém que sente-se reprimido e ao mesmo tempo conforta-se com o simples fato de observar a tudo como se estivesse vendo televisão da sala de casa ou por meio de uma tela enorme que tenta encontrar nela um motivo para se identificar com o meio exterior mesmo sabendo que não se sente fazendo parte dele – “são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN, 2004, p. 17). Há uma necessitada dê estabelecer uma relação com aquele lugar, pelo trabalho ou por qualquer função que determine o motivo de estar ali.

Ao se tornar alguém tão mecânico que não sente como um ser e

sim como uma máquina que estabelece uma relação com o mundo através do trabalho. Consequência de uma sociedade que para Jameson “[...] o surgimento do pós-modernismo está intimamente relacionado com o surgimento do novo momento do capitalismo tardio de consumo ou capitalismo multinacional”. (JAMESON, 2006, p. 43).

Assim o conto vai revelando os contrapontos de uma sociedade que tem no consumismo uma cultura voltada para o esvaziamento do sujeito. “Fui de volta à embaixada olhando as vitrines. Não eram tantas. Nem especialmente belas. Tudo parecia concorrer para uma lógica que não adiantava revidar.” (NOLL, 2006, p. 121). O narrador é um alguém que não compreende o mundo a sua volta de fato, não se projeta naquele que vê a vida em forma bloqueada pela a máquina de fabricar coisa. “Eu é que precisava aprender ver ali a sorte humana e nela me incluir.” (*Idem, ibidem*).

O sociólogo Zygmunt Bauman define a identidade como uma questão do nosso tempo, pois estamos submetidos a nos deslocar por uma determinada tarefa e isso torna-se desconfortável. Conforme Bauman (2004, p. 19) As “identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras inflamadas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante [...]”. Vemos que mesmo o personagem tentando buscar uma interação com aquele lugar, por meio do trabalho, ele sempre sentirá deslocado, nosso tempo propicia a isso, independente de nossas escolhas.

A partir daí o conto traz um personagem que se torna alguém em busca de uma identificação com aquele lugar não revelado pelo autor, torna-se alguém que anda pelos lugares e tenta ver, mais não sente, não consegue estabelecer uma identificação, então o personagem após fazer uma caminhada sem respostas, volta a embaixada, seu local de trabalho e assim o autor deixa claro o motivo que seu personagem tem com aquele lugar, que pode ser de qualquer um, ou seja estar ali apenas a trabalho. “Era preciso, era preciso, a vida se fazia minuto a minuto”. (NOLL, 2006, p. 122). Nesse trecho vemos que o personagem narra o fato de que o trabalho já o internalizou, é o que parece ser essencial para dar sentido a vida. “A máquina de ser tangia-me a subir os degraus da portaria da Embaixada. Sentei à minha mesa. Peguei um lenço do bolso. E limpei meu suor”. (*Idem, ibidem*). O narrador por mais que queira já esta em um sistema e integrado nesse complexo elo, de trabalho e sociedade.

### 3. Conclusões

A busca pelo desenvolvimento, as inúmeras formas e padrões que impõe o mercado de trabalho e o percurso disso, fez do homem uma máquina e interferiu na sua forma de agir e pensar, pois nesse universo o que importa é crescer materialmente, e a cada minuto tornara-se importante para isso, e então, a liberdade não está ao alcance, pois o sujeito atual não está amadurecido para ela.

Portanto, o autor João Gilberto Noll em seu conto *A Máquina de Ser*, traz para reflexão uma sociedade em constante movimento que problematiza, a questão do sujeito com relação a esse universo o qual esta inserido, envolve o leitor por meio do esgotamento interior de seu narrador, vítima de um cultura consumista.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Trad.: Carlos Aberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Trad.: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Vida líquida*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad.: Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 2002.

\_\_\_\_\_. *A virada cultural: reflexões sobre o pós-modernismo*. Trad.: Carolina Araújo. Rio de Janeiro: Record, 2006.

NOLL, João Gilberto. *A máquina de ser: contos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.